

A autobiografia dos que não narram e a solidariedade aos migrantes em tempos de copa do mundo

The autobiography of non-narrators and solidarity to migrants in world cup times

La autobiografía de los que no naran y la solidaridad a los migrantes en tiempos de copa del mundo

Mohammed ElHajji - Professor Associado/UFRJ
Otávio Cezarini Ávila - Professor Substituto do Instituto Federal do Paraná

Resumo

Iniciando pela interculturalidade expressada na última Copa do Mundo, o artigo aprofundará o testemunho que o atacante da seleção belga, Lukaku, deu ao *The Player's Tribune*. Analisando seu conteúdo e ligando às estratégias narrativas, o artigo passa a discutir o que a filosofia pós-estruturalista considerou como uma passagem da “clínica do desejo” à “clínica do trauma” tendo o testemunho voltado a um autorreferenciamento que afasta o indivíduo da culpa. Ao observar essa transformação e o efeito do testemunho como chave para as “políticas de sofrimento”, a análise segue para a consideração do lugar de fala dos indivíduos da sociedade informacional. Dessa forma, qual melhor maneira de se falar do sofrimento das diásporas e das crises globais senão os próprios migrantes? Essa conjugação de lugar de fala e testemunho como estratégia narrativa compõe o desafio deste artigo.

Palavras-chave: *testemunho; mídia; imigrantes; futebol.*

Abstract

Starting with the interculturalism expressed in the last World Cup, the article will deepen the testimony that the Belgian striker Lukaku gave to *The Player's Tribune*. Analyzing its content and linking to narrative strategies, the article discusses what poststructuralist philosophy considered as a passage from the "clinic of desire" to the "clinic of trauma", with the testimony turned to a self-referencing that removes the individual from guilt. Observing this transformation and the effect of testimony as a key to "suffering policies," analysis goes on to consider the place of speech of individuals in the information society. So, what better way to talk about the suffering of diasporas and global crises than the migrants themselves? This conjugation of place of speech and testimony as narrative strategy composes the challenge of this article.

Keywords: *testimony; media; immigrants; football.*

Palabras-clave: *testigo; media; imigrantes; fútbol.*

Introdução

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.12-30, 2019. **A autobiografia dos que não narram e a solidariedade aos migrantes em tempos de copa do mundo.**

Mohammed ElHajji & Otávio Cezarini Ávila

Os indivíduos que convivem na sociedade da informação acostumaram-se a ler e ouvir notícias sobre a “crise dos refugiados”, as mortes no Mar Mediterrâneo e a chegada em massa de haitianos e agora, venezuelanos, no Brasil. O imigrante parece um ser distante, normalmente ligado à pobreza e uma subalternidade da raça que evoca a piedade daqueles que observam, à distância, o sofrimento alheio. Mas é quando a identificação e o reconhecimento do sofrimento alheio pelas similaridades vivenciadas tomam forma que este estudo se interessa, reflexionando a partir da filosofia pós-estruturalista e a prática do testemunho como produção de memória.

A análise discursiva tem o intuito de compreender menos pela recepção e mais pelo processo produtivo daquele que narra e os canais que contribui com seu ingresso no campo discursivo. O estudo de caso que o artigo se debruça é o testemunho que o jogador de futebol belga, com descendência congoleza, Romelu Lukaku, deu ao *The Player's Tribune*. Criado em 2014 por Derek Jeter, ex-jogador estadunidense de beisebol, o site conta com mais de 1800 testemunhos de atletas de diferentes modalidades esportivas com uma característica especial: o texto em primeira pessoa narra memórias importantes dos atletas. Do sofrimento ao reconhecimento, de um trauma que pode ser expressado.

O sofrimento pode ser analisado de diversas formas, mas é a questão do migrante que chama a atenção. Permeando o universo da pobreza e da fome, Lukaku ganhou as páginas dos jornais do mundo justamente pelo componente genealógico. Filho de imigrantes, negro, estrela de uma seleção europeia em um torneio que a cada edição precisa realinhar a perspectiva nacional, cada vez mais transnacional. A utilização de um dos maiores eventos esportivos de futebol não vem à toa. O título, que diz, “em tempos de Copa do Mundo”, levanta uma interrogação do tipo de solidariedade e papel dado aos imigrantes ou descendentes de imigrantes, caso de Lukaku, na sociedade. A depender do desempenho, sabe-se que em eventos esportivos muitos deles se tornam “heróis” e alcançam um lugar de cidadania que os permita serem também ouvidos.

As considerações finais trazem alguns casos conhecidos na imprensa internacional sobre o distanciamento do representado, que estimulam que seja pensada a presença do testemunho como originalidade discursiva daqueles que são distanciados pela geopolítica global.

Um evento e dilemas globais

Durante um mês o mundo parou para assistir à Copa do Mundo de Futebol, organizada pela FIFA. É o evento esportivo de maior audiência do planeta. A 20ª edição, de 2014, realizada no Brasil, reuniu 3,2 bilhões de pessoas ao redor de algum televisor, demonstrando o potencial discursivo, tanto para causas quanto publicidade. Com tamanha visibilidade, a FIFA tem coibido manifestações políticas de torcidas e jogadores nos estádios, caso da polêmica comemoração dos atletas suíços na vitória contra a Sérvia, já na Copa de 2018. Reacendendo um debate, jogadores tornaram “público” o desconforto geopolítico que Albânia e Sérvia, países da região da antiga Iugoslávia, nutrem frente a questão da independência de Kosovo, não reconhecida pela nação adversária (da partida).

Além da divulgação de situações geopolíticas e das marcas que investem na publicidade do evento, no âmbito esportivo, a potência do torneio colabora para consagrar jogadores, alavancar as novas estrelas da modalidade e surpreender o mundo com narrativas regidas mais pela superação do que pela vitória. A frase “*Não é só um jogo*”, muito difundida nesse período quando o futebol é a pauta principal da opinião pública, demonstra sua capilaridade no imaginário social.

Um dos temas mais discutidos nessa Copa do Mundo foi a nova configuração das seleções europeias. Cunhada de “Copa dos imigrantes” por agentes da imprensa, a França sagrou-se campeã pela segunda vez em sua história, com uma singularidade: entre os 23 convocados, 17 nações estavam representadas na biografia dos atletas, a maioria com pais de origem africana. O futebol, popular pela prática de baixo custo,

representa etnicamente a configuração da população em suas seleções nacionais e a França, hoje, é uma seleção de futebol multiétnica. Tal como o país.

Não é só a França. No que concerne à naturalização, dos 736 jogadores que disputaram o torneio, 22 seleções (das 32 ao todo) dividiam 82 atletas naturalizados. Apenas dois desses eram da seleção francesa: Samuel Umtiti, nascido em Camarões; e Steve Mandanda, nascido na República Democrática do Congo. E para quem acha que a Europa domina absolutamente a lista, é obrigado a enxergar uma configuração na linha histórica (ver Tabela 1) que quebra os estereótipos da migração Sul-Norte (global). Era a seleção do Marrocos aquela que tinha o maior número de “estrangeiros”: 17 jogadores entre os 23 convocados não eram nascidos no país magrebino. E a França, como se encaixa nessa Copa do Mundo plural? Não só levou o título em campo, mas também como país com o maior número de atletas nascidos em seu território, seguindo o retrospecto das últimas edições. Além de sua seleção – e seus muitos jogadores “importados” – em 2018, a França “exportou” 29 jogadores, ou seja, havia mais de uma “seleção francesa” jogando a última Copa. O Brasil, embora mantenha a Canarinha apenas com jogadores nascidos em seu território, “exportou” cinco atletas para quatro países. (CARNEIRO, s/data).

Edição da Copa do Mundo FIFA	Nº de jogadores naturalizados	País “importador”	País “exportador”
2002 (Sede: Japão/Coréia do Sul) ¹	43	-	-
2006 (Sede: Alemanha)	64	Croácia / Togo	França
2010 (Sede: África do Sul)	75	Argélia	França
2014 (Sede: Brasil)	85	Argélia	França
2018 (Sede: Rússia)	82	Marrocos	França

Tabela 1: Edições da Copa do Mundo e jogadores naturalizados.

Mesmo que não tenha havido um crescimento da penúltima para a última edição, a Copa de 2018 foi “dos imigrantes” porque não só havia naturalizados, mas muitos jogadores nascidos nos países as quais defendiam com descendência de imigrantes.

¹ Alguns dados dessa edição não foram encontrados, mas sugere-se que o Brasil tenha sido o principal país “exportador”, diferente das edições seguintes, cuja hegemonia é francesa.

Como podemos notar, a França, muito comentada pelo número de “imigrantes”, de fato, só contava com 2 estrangeiros em seu elenco.

Até onde esses jogadores representam indivíduos, grupos ou nações? Não podemos dizer como esse debate tem sido tratado na França ao longo do tempo (por exemplo, há casos mais antigos como o de Zinedine Zidane, grande estrela do futebol no país e de origem argelina); porém, podemos tratar a ascensão desses debates em nível global, tendo por comparação o Brasil. O desenvolvimento das tecnologias de comunicação proporciona uma personificação desses indivíduos, antes restritos a serem vistos como atletas de futebol. Com a bola nos pés competia em alto nível não só o Kylian Mbappé jovem, camisa 10 [dos] *Les Bleus* e astro do bilionário Paris Saint-Germain; corria com a bola o filho de uma argelina com um camaronês, que nasceu em Bondy, subúrbio parisiense, e se tornou o “herói da periferia”, como denominou o jornalista Marc Bassets².



Figura 1: A presença marcante de imigrantes e descendentes de imigrantes foi retratada com destaque pela imprensa brasileira, como no Portal UOL. O francês Mbappé ao centro, veste uma camisa que mescla as bandeiras da Argélia e Camarões, países de seus pais. Dele Alli (à esquerda) e Lukaku (à direita) completam a imagem.

²

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/04/deportes/1530737766_517940.html

Ainda que se passe a conhecer as histórias, essas se dão naquilo que Hannah Arendt chamou de “política da piedade”: os felizes representam os infelizes para os felizes em uma lógica de distanciamento entre quem sofre e quem olha, opondo-se à compaixão (VAZ; RONY, 2011). Ainda que as histórias de Mbappé e dos outros imigrantes e filhos de imigrantes presentes na Copa do Mundo sejam de sucesso, o sofrimento vivido por eles não elimina a disrupção da dualidade felizes/infelizes proposta pela filósofa alemã de origem judaica, grupo marcado pela dispersão na Europa. O ponto ao qual queremos chegar é da necessidade do testemunho dos próprios “infelizes”, marcando em si a narrativa do sofrimento e também o da redenção.

Voltemos à pergunta: até onde esses jogadores representam indivíduos, grupos ou nações? Se a resposta é confirmada pela extensa fama que detêm entre jovens desejosos em seguir o mesmo caminho, a história de vida narrada passa a aproximar não só os que sonham com o futuro de sucesso, mas aqueles os quais, juntamente aos seus ídolos, carregam as mesmas marcas do passado.

Ou melhor: narrativas de vida, pois a história é contada em um embate entre realidade e ficção. Como afirma Charaudeau (1992), a narração se dá posteriormente a uma existência passada e dela resulta um universo contado. É a mesma perspectiva de Le Goff (2003) e sua afirmação de que a memória sempre pertence ao presente, ou seja, o passado vivido só é rememorado a partir do mundo presente daquele que narra. Memória é sempre uma reconstrução do passado no presente e, por isso, uma forma de mesclar realidade e ficção, aspectos fundamentais da construção do testemunho.

O testemunho de Lukaku

E nesse sentido, passa a ser notório para esta edição da Copa do Mundo o caso de Romelu Lukaku, um dos principais atletas da seleção belga em 2018, terceira colocada na competição. O atleta belga de ascendência congoleza foi autor de uma publicação no site *The Player's Tribune* (“Tribuna dos Atletas”, tradução livre), especializado em textos autobiográficos de esportistas. O testemunho de Lukaku, divulgado no terceiro

dia da competição, foi o pontapé para olhares mais aguçados sobre a realidade daqueles indivíduos que, além de jogar um bom futebol, carregam histórias de melancolias e superações.

A começar pelo site, o *The Player's Tribune* é uma plataforma personalista do ponto de vista de layout. Basicamente imagens de atletas nos levam até suas autobiografias. O texto é acompanhado de um vídeo, no qual o atleta faz a sua narração oral, muito semelhante ao que está redigido abaixo, como mostram as imagens.

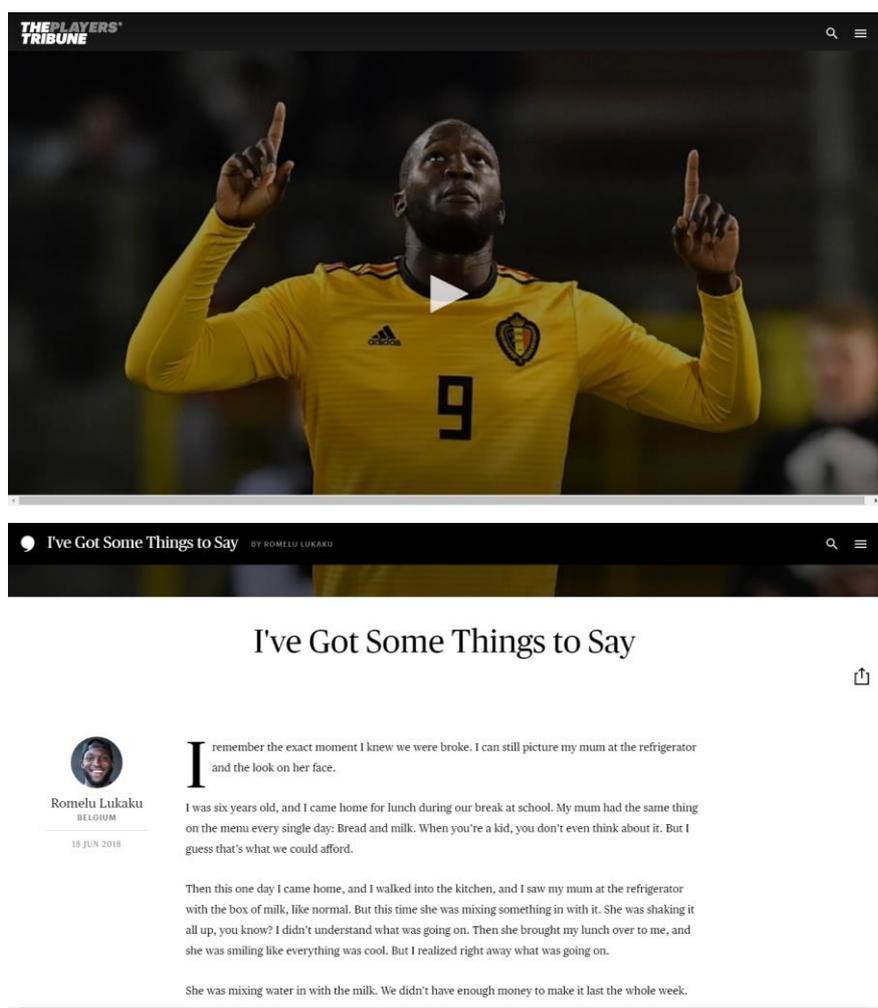


Figura 2: Rolagem de página (*The Player's Tribune*, 18/06/18).

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.12-30, 2019. **A autobiografia dos que não narram e a solidariedade aos migrantes em tempos de copa do mundo.**

Mohammed ElHajji & Otávio Cezarini Ávila

É em comparação a outros testemunhos que se pode notar a característica do *storytelling* como estratégia comunicativa do site (em breve comentada). Nas autobiografias de Marcelo e Paulinho, jogadores brasileiros de destaque da última Copa do Mundo, as narrativas seguem a lógica empreendida com Lukaku: a dificuldade, normalmente ligada à falta de recursos, é superada pelo talento amparado a um grande mentor. Se para Paulinho foi Tite, técnico da Seleção Brasileira, com Marcelo e Lukaku foram pessoas da sua família. No caso de Lukaku, pai, avô e mãe se complementam em sua narrativa, demonstrando um apreço familiar do atleta.

Quando eu tinha 12 anos, fiz 76 gols em 34 jogos.

Eu marquei todos eles usando os sapatos do meu pai. Quando nossos pés chegam ao mesmo tamanho, costumamos compartilhar.

Um dia liguei para o meu avô - o pai da minha mãe. Ele foi uma das pessoas mais importantes da minha vida. Ele era minha conexão de volta ao Congo, de onde minha mãe e meu pai são. Então, eu estava ao telefone com ele um dia e disse: “Sim, estou indo muito bem. Marquei 76 gols e vencemos o campeonato. As grandes equipes estão me notando”.

E, geralmente, ele sempre quis ouvir sobre o meu futebol. Mas desta vez foi estranho. Ele disse: “Sim, Rom. Sim, isso é ótimo. Mas você pode me fazer um favor?”

Eu disse: "Sim, o que é?"

Ele disse: "Você pode cuidar da minha filha, por favor?" (LUKAKU, 2018)³.

Outra característica notável nos textos é a capacidade de montagem de um roteiro que especifica uma faceta da vida do indivíduo-atleta. Ali não é só o jogador, mas é uma estrela esportiva que emerge de uma vida de superações, mediada por pessoas e lugares comuns. A vida de Lukaku está permeada pelo sentimento de obrigação em contribuir com o bem-estar de sua família. É na vergonha da pobreza, simbolizada pelo silêncio da mãe, que se dá o fato crucial da decisão em se superar. Josué de Castro na obra antológica *Geografia da Fome* (1984) indica esse silenciamento “premeditado pela própria alma da cultura” (p.29). Uma cultura baseada no racionalismo ocidental e que por gerações subjuguou os instintos do corpo, tornando-os proibitivos. Tanto a fome

³ Tradução do próprio site.

quanto o sexo⁴ foram interditados pelo fundamento moral que determinou um “predomínio da razão sobre o dos instintos da conduta humana” (idem):

Eu sabia que estávamos lutando. Mas quando ela estava misturando água com o leite, percebi que estava *acabado*, você sabe o que eu quero dizer? Essa foi a nossa vida.

Eu não disse uma palavra. Eu não queria que ela se estressasse. Eu acabei de comer meu almoço. Mas eu juro por Deus, eu fiz uma promessa para mim mesmo naquele dia. Era como se alguém estalasse os dedos e me acordasse. Eu sabia exatamente o que tinha que fazer e o que *ia* fazer.

Eu não podia ver minha mãe vivendo assim. (LUKAKU, 2018).

A decisão de tornar-se alguém é à revelia do sofrimento. Já no início do testemunho aparece o relato da situação, como um ponto fundador daquelas memórias conduzidas ao presente pelo atleta. O texto começa assim:

Eu lembro do momento exato em que soube que estávamos quebrados. Ainda posso imaginar minha mãe na geladeira e a expressão no rosto dela.

Eu tinha seis anos e voltei para casa para almoçar durante nosso intervalo na escola. Minha mãe tinha a mesma coisa no menu todos os dias: pão e leite. (LUKAKU, 2018).

Se este é o drama que alimenta o sofrimento na narrativa, é a promissora carreira no futebol que impulsiona o personagem a superar-se. Passando a jogar nos times de base, Lukaku recebe um convite de última hora que demarca essa transformação. Há um ponto de virada chave nessa narrativa:

Eu assinei meu contrato com o Anderlecht no dia do meu aniversário, 13 de maio. Saí e comprei o novo jogo do *FIFA* e uma TV a cabo. Já era o final da temporada, então eu estava em casa descansando. Mas o campeonato belga foi louco naquele ano, porque Anderlecht e Standard Liege terminaram empatados em pontos. Então, houve um playoff de duas partidas para decidir o título.

Durante a primeira partida, estava em casa assistindo na TV como um fã.

⁴ Bertrand Russell também foi um grande crítico da moral sexual no início do século XX. Sua obra “Casamento e Moral” (1929) foi polêmica e atacou, sobretudo, a premissa religiosa sobre os corpos, que subjugava seus instintos. Russell e Castro mantinham relacionamento próximo.

Então, na véspera da segunda partida, recebo um telefonema do meu treinador.

"Olá?"

"Olá, Rom. O que você está fazendo?"

"Estou indo jogar futebol no parque."

"Não, não, não, não, não. Arrume suas malas. Agora mesmo."

"O que? O que eu fiz?"

"Não, não, não. Você precisa chegar ao estádio agora. A equipe principal quer você agora. (LUKAKU, 2018).

A virada acontece entre as partidas da final do campeonato. A partir daí, Lukaku se torna jogador e pequenos sofrimentos vão sendo assumidos no decorrer do testemunho. O silêncio que ele mantinha ao não entender o “voleio” da final da Liga dos Campeões de 2002, o desconhecimento de tantos nomes de jogadores por não ter o videogame que seus amigos tinham. As pequenas frustrações dão lugar a um personagem que não só passa a conhecer seus heróis, mas viver como eles.

Você sabe o que é engraçado? Eu perdi 10 anos de futebol da Liga dos Campeões quando eu era criança. Nós nunca poderíamos pagar por isso. Eu ia para a escola e todas as crianças falavam sobre a final e eu não fazia ideia do que acontecia. Lembro-me de 2002, quando o Madrid jogou com o Leverkusen, todo mundo estava tipo, "O voleio! Oh meu Deus, o voleio! (...) Naquele verão, fui até a casa dele para poder assistir Ronaldo *Fenômeno* na final da Copa do Mundo. Todo o resto desse torneio era apenas história que ouvia das crianças na escola. (...) Doze anos depois, eu estava *jogando* a Copa do Mundo. (LUKAKU, 2018).

O fim da narrativa guarda um recado a seu avô. O “herói” gostaria que seu “mentor” estivesse por perto para testemunhar, não seu sucesso profissional, para saber que todos estão bem: “Eu te disse. Sua filha está bem. Não há mais ratos no apartamento. Não se dorme mais no chão. Não há mais estresse. Estamos bem agora”. (LUKAKU, 2018).

Toda a narratividade do site se aproxima à estratégia do *storytelling*, formato usado como narrativa comercial, especialmente pela “jornada do herói”, a qual um indivíduo recebe algum tipo de inspiração, recebe conselhos de algum mentor e isso o potencializa a vencer uma grande barreira. Tal estratégia permite que uma história seja

organizada a fim de provocar sensação e emoções que inspirem também aquele que recebe a mensagem.

E esse ponto abre a uma ponderação: a escrita do texto, ao seguir padrões exemplares da narrativa publicitária, localiza-se entre o real e o ficcional a partir da interferência do redator sobre a autonomia do atleta, de tal modo que o vídeo com o testemunho oral de Lukaku tem a cronologia do relatado modificada no texto oferecendo ao roteiro maior coesão. Embora não haja a assinatura de terceiros, a própria plataforma já assumiu que existe uma edição, como divulgou criticamente Andrew Bucholtz, para a *Awful Announcing*⁵. Mesmo com essas considerações, achamos válida a prerrogativa do *storytelling* como estratégia testemunhal, considerando, contudo, a presença hibridizante da realidade e da ficção, presente tanto na estratégia citada quanto na relação entre a memória recriada, como afirma Le Goff (2003).

A clínica do trauma: o testemunho

Essa lógica autobiográfica de sensibilização está ligada à mudança de paradigma que Foucault (1988) caracteriza em relação ao sofrimento. Antes, ligado ao exemplo da confissão católica em busca da verdade, o discurso do sofredor diagnostica um conflito interno ligado às normas sociais e aos desejos errantes que delas decorrem. O perito, ou seja, aquele que detém o lugar da verdade, é o outro e contribui para o autoengano alheio ligado à necessidade de enunciar o desejo escondido. A confissão em Foucault é um ritual discursivo que coincide o sujeito da enunciação com o do enunciado (fala-se de si). Mais do que descrever, o ato de enunciar redime o sujeito, purifica-o, salva-o.

Na sociedade contemporânea, marcada por um desprendimento do valor-notícia da representação do outro, o registro do humanitário e o preconceito ascendem na esfera pública ocupando o lugar da emoção, ignorado pela racionalidade. Foucault, um crítico

⁵ BUCHOLTZ, Andrew. Player's Tribune articles aren't written by the players, which creates a host of issues. *Awful Announcing*. 30/mar.2015. Disponível em: <https://awfulannouncing.com/2015/players-tribune-articles-arent-written-by-the-players-which-creates-a-host-of-issues.html>. Acessado em: 21 de outubro de 2018.

radical da razão, analisa que a verdade se oculta nos discursos como vontade da verdade. Sua crítica à razão começa na história do silêncio, sofrida pela loucura no Classicismo e Descartes a posicionará como característica daquele que não pensa e, por isso, está fadado ao silêncio. Diferente de Habermas que vê a loucura como uma razão invertida. (MARTINS, 2007). A crítica da razão como vontade da verdade vem da emergência da linguagem como representação e não necessariamente com o real. “Isto não é um cachimbo”, obra que representa um cachimbo, de fato, busca explicar esse desprendimento que obriga a obra a não ser vista como detentora única da verdade (a imagem do cachimbo), mas uma representação daquele real. (COELHO, 2011). Dessa forma, também na notícia, a representação se abre à subjetividade e à memória para tornar o fato uma visão dele mesmo.

Foucault argumenta que a mudança se dá no testemunho, não mais domesticado como uma “clínica do desejo” e sim como “clínica do trauma”, cujo distanciamento da verdade não é dado no interior do indivíduo, mas é a própria “verdade” substituída por um discurso referencial. O autorreferencial substitui o reino da verdade, do ideal, de Deus, morto pela modernidade, juntamente a seu mundo de infinitude. E, nesse paradigma, tudo que se vive precisará ser resolvido no plano terreno, o único em que o indivíduo existirá. No discurso moderno, a realidade do trauma se faz insuperável, já foi vivido. Assim, só o indivíduo detentor da experiência carrega perícia suficiente para narrar a experiência de sofrimento, marcada em seu passado e utilizada como assujeitamento do homem ao se tornar parte narrada do presente.

Como o trauma se manifesta no indivíduo? Scarpelli (2008) explica que no pensamento de Freud “a repetição dos traumas torna-se onipresente no dia-a-dia e a interiorização desta experiência faz com que a realidade passe a ser vista como catástrofe” (p. 92). Sendo o trauma um acontecimento externo que reside no inconsciente, o organismo potencializa forças [internas] de defesa daquilo que estava reprimido culminando em um afloramento do consciente manifestado por alterações de percepções no corpo.

A prática do testemunho passa a ser importante nesta “clínica do trauma”. Ao reconhecer que o acontecimento vivido é irreparável, Foucault afirma ser na linguagem o ambiente onde essa “culpa” (vista diferentemente por Freud como algo do inconsciente) se revolve. Assim: “Se o trabalho do luto só pode ser levado a cabo através da narração de uma história, o dilema [do relato] reside no caráter incomensurável e irresolúvel dessa mediação entre experiência e narrativa” (AVELAR, 2003, p. 236).

No seu discurso, Lukaku relata traumas. Momentos de vergonha e humilhação que sofreu como, por exemplo, no momento em que vê a mãe tentando enganá-los misturando água à insuficiente quantidade de leite para a família; ou quando, aos 11 anos, medindo aproximadamente 1,80 m, foi obrigado a provar sua idade aos pais que acompanhavam seus filhos em uma partida de futebol mostrando-lhes a carteira de identidade. Seu pai, trabalhando, encontrava-se ausente na cena rememorada.

Pode-se notar uma mudança na representação sobre si, que ultrapassa a linha da culpa (manifestada intrinsecamente por não poder dar recursos desde que percebeu a situação complexa da pobreza familiar), para uma vergonha reflexiva. E aí passa a inexistir a relação de anormalidade com o vivido, dando lugar a uma vergonha que se opõe agora ao preconceito (FOUCAULT, 1988; 1995). No relato de Lukaku, ele afirma: “Quando as coisas estavam caminhando bem, estavam me chamando de Romelu Lukaku, o atacante belga. Quando as coisas não estavam bem, eles me chamavam de Romelu Lukaku, o atacante belga de origem congoleza”. (LUKAKU, 2018).

A mudança para o preconceito como problemática requer a compreensão de relação com o outro, pois só há estigmatização com aquilo que lhe é diferente, desconhecido, estranho. Este relacionamento é analisado na ótica dos fenômenos culturais, definidos como conjunto de práticas e usos sociais e simbólicos que se transformam de acordo com o contexto histórico e de vínculos a outros conjuntos (ELHAJJI, 2016). Essa constante transformação imuniza o fenômeno de essencialismos que, pela lógica de pertencimento, encerra-se na naturalização da cultura. Considerando essa mutabilidade do fenômeno cultural, é possível perceber que as novas perspectivas

culturais assumem formas multi/interculturais de convivência entre os cidadãos de um país, buscando uma nova lógica, a da igualdade. Assim, e por conta de lógicas que se transformam, a vergonha reflexiva sentida não diz respeito ao retorno da vergonha, de caráter negativo. A reflexividade gera preconceito enquanto a outra, quando existe, ocupa o lugar da culpa, padroniza e são formadoras das doenças mentais do nosso tempo.

O lugar de fala

Em uma virada linguística ligada ao testemunho, é aquele que vivencia a experiência do acontecimento que pode externalizar algo, pois é nele que subsiste a internalização. Muniz Sodré, ao se referir à lógica da narração jornalística, também destaca a presença do testemunho na narração privilegiada ou distinta do acontecimento.

Ser testemunha é assistir a um acontecimento, ter em consequência um acesso direto, imediato ao que se está produzindo. O fato de estar presente no lugar confere à testemunha direitos orais e direitos à comunicação. *Histor* (de onde deriva a palavra história) é como o antigo grego designava a testemunha, aquele que, por ter visto o acontecimento, investia-se no direito de narrar. (2009, p.48).

Compreendendo que há um lugar de fala na pressuposição do narrador do testemunho, Djamila Ribeiro (2017) pondera que todos podem falar sobre tudo – diferentemente de muitas narrativas expostas na opinião pública sobre exclusividade de fala – mas só alguns grupos têm autoridade suficiente, ou ao menos um *locus* social privilegiado, para abordar determinadas hierarquias que se formam no emaranhado social, sejam elas do homem sobre a mulher, da mídia tradicional sobre a alternativa, dos brancos sobre os negros, dos países “centrais” sobre os “periféricos”, ou dos nativos sobre os estrangeiros.

A emergência de sujeitos discursivos (AMARAL, 2013) no campo comunicacional passa a ser uma nova modalidade no debate público que rompe com o regime de autorização discursiva. Contudo, é importante ressaltar que Ribeiro (2017)

coloca o questionamento estrutural como componente da construção desse sujeito, não sendo suficiente reduzir seu ponto de vista apenas às experiências individuais sem que o *locus* social seja refletido a reboque. A comoção e a solidariedade externada ao jogador foram capazes de colocar em jogo esse *locus* social em que se encontram os filhos de imigrantes e refugiados na Europa? Ou, ao menos no âmbito esportivo, a estrutura hierárquica tem sido reposicionada?

Trazemos para a arena reflexiva o caso de Mamoudou Gassama, malinês. O nome pode passar despercebido até vincularmos ao caso do imigrante que escalou a fachada de um prédio em Paris e salvou uma criança de 4 anos. Gassama, de 22 anos, morava ilegalmente na França e depois do episódio foi recebido pelo presidente Emmanuel Macron para receber cidadania francesa. É preciso ser herói, como Gassama, Mbappé e Lukaku para ter sua cidadania reconhecida no país onde se vive?

No jogo das representações no excessivo fluxo informacional as emoções definem aqueles que prenderam a atenção do público. A proximidade com a vida vivida, com o sofrimento alheio aproximam os diferentes, antes, distanciados culturalmente. Essa distância é vivida especialmente pelo estrangeiro. Para Alfred Schütz (2010), esse indivíduo vive o padrão cultural do grupo aproximado de forma que a ele seja acessível, mas não integrado a ele como foi com seu grupo de origem. O estrangeiro pode compartilhar o presente e o futuro, mas nunca o passado e, portanto, é um homem sem história na visão dos outros. Outro exemplo pode ser dado na relação com os estrangeiros que alguns atletas manifestavam. Nas Copas passadas, quando pouco se falava sobre a interculturalidade das seleções de futebol, a importação de jogadores foi vista de forma preconceituosa pelo técnico Dunga, por exemplo. Na preparação para o torneio de 2010, quando Brasil e Portugal se enfrentariam na primeira fase, o técnico brasileiro disse que o Brasil enfrentaria o “Brasil B”, referindo-se a três brasileiros naturalizados⁶. Antes, na edição de 2006, o Portal UOL tratou a “pureza brasileira” da seguinte maneira:

⁶ <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/copa-do-mundo/2010/vamos-jogar-contr-o-brasil-b-diz-dunga-sobre-portugal,e4bc319019a3d310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

Essa é a diferença entre os dois últimos campeões do mundo. Enquanto a França reforçou suas opções com "estrangeiros" e convocou 19 nativos, o Brasil é mais do que auto-suficiente - possui material humano para escalar várias seleções diferentes com boas chances de ganhar o título. (TOLEDO JR; GARAVELLO, 2006).

Conclusões e um último ponto: o distanciamento do representado

A título de conclusão, trazemos um caso ocorrido em 2017. Dois anos após o ataque com 12 mortos por extremistas ao jornal francês *Charlie Hebdo*, a Somália registrou cerca de 500 vítimas (entre mortos e feridos) em um ataque ao centro da capital do país⁷. Logo, questionamentos vieram à tona: “*Je suis Somália?*”, em alusão à campanha de solidariedade ao periódico francês. Sem disputar qual a maior tragédia, o questionamento decantou-se sobre a naturalização de determinadas narrativas de sofrimento. A indiferença a algumas narrativas está ligada a ausência de testemunhos, perceptíveis pela ausência da mídia em países periféricos, como a Somália. As próprias notícias do fato vinham de correspondentes em outros países, sequer do mesmo continente. Já no caso de 2015, não só uma série de estruturas midiáticas, mas a própria centralidade da capital francesa, em um ataque a profissionais de classe média, em sua maioria brancos e ocidentalizados, gerou imediatamente um espelhamento coletivo na opinião pública que apresenta efeitos similares à capacidade de subjetivação do testemunho.

A relação sobre sofrimento e distanciamento parece diminuir quando valorizada pela espetacularização do acontecido, como consideramos ser o caso de Lukaku – por ser um atleta de ponta, em um evento multitelevisado e, por isso, deslocado para a esfera dos interesses particulares. Se o sofrimento existe por falhas da sociedade, aqueles que o olham e aqueles que sofrem em essência são iguais e seu distanciamento tende a desaparecer, pois são produtos da história e nela esses sujeitos se encontram a partir das possibilidades e hipóteses do acaso. Mas, novamente, será o fenômeno migratório um componente distópico na racionalidade do ordenamento geopolítico. São

⁷ <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/10/17/o-que-extrema-violencia-na-somalia-pode-nos-ensinar-sobre-empatia/>

os refugiados, especialmente, hoje, que aproximam o sofrimento dos centros geopolíticos. Sem precisarem de testemunhos midiáticos eles estão ali, compartilhando e disputando espaços e memórias.

Referências bibliográficas

AMARAL, Márcia. A representação dos testemunhos no discurso das catástrofes ambientais: de sujeitos sociais e a sujeitos discursivos. *Revista Fronteiras*, v.15, n.3, p. 182-190, set/dez 2013.

AVELAR, Idelber. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho do luto na América Latina*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

CARNEIRO, Gabriel. A nova cara da Copa: Destaques multiculturais do Mundial traduzem realidade de seleções poderosas da Europa. *Portal UOL*. Disponível em:

<<https://www.uol/copadomundo/especiais/copa-do-mundo-multicultural.htm#imagem-2>>.

Acesso em: 16 outubro de 2018.

CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. 10ª edição. Rio de Janeiro. Edições Antares, 1984.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

COELHO, Kamilla. A representação e o real em Michel Foucault. *RevLet – Revista Virtual de Letras*, v.03, n.1, p.89-2015, jan/jul, 2011.

ELHAJJI, Mohammed. Usos e desusos da cultura na contemporaneidade. *Revista Comunicação Pública*, v.11, n.21, out/2016.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. 5a. ed. São Paulo: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1995.

LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. 3ª ed. Campinas. Editora Unicamp, 2003.

LUKAKU, Romelu. I've Got Some Things to Say. *The Player's Tribune*. 18/jun.2018. Articles. Disponível em: <<https://www.theplayerstribune.com/global/articles/romelu-lukaku-ive-got-some-things-to-say>>. Acessado em: 31 julho de 2018.

MARTINS, Guilherme. Foucault e a crítica da razão. *Revista Aulas*, n. 3, mar/2007.

PEREIRA, Carolina. *O Sofrimento em Imagens: uma história entre a fotografia e a política*. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SCARPELLI, Marli. Na era dos testemunhos. *Revista Via Atlântica*, n.13, dez/2008.

SCHÜTZ, A. O estrangeiro – um ensaio em psicologia social. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 113, out. 2010.

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.12-30, 2019. **A autobiografia dos que não narram e a solidariedade aos migrantes em tempos de copa do mundo.**

Mohammed ElHajji & Otávio Cezarini Ávila

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato – notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, p. 287, 2009.

TOLEDO JR, V.; GARAVELLO, M. França supera Brasil e é país com mais jogadores na Copa. *Portal UOL*. 29/mai.2006. Copa do Mundo 2006. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/copa/2006/ultnot/geral/2006/05/29/ult3508u489.jhtm>>. Acessado em 22 outubro de 2018.

VAZ, Paulo. Na distância do preconceituoso: narrativas de *bullying* por celebridades e a subjetividade contemporânea. *Revista Galaxia* (São Paulo, *Online*), n. 28, p. 32-44, dez. 2014.

VAZ, Paulo; RONY, Gaelle. Políticas do sofrimento e as narrativas de catástrofes naturais. *Revista Famecos*, v.18, n.1, p. 212-234, 2011.

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.12-30, 2019. **A autobiografia dos que não narram e a solidariedade aos migrantes em tempos de copa do mundo.**

Mohammed ElHajji & Otávio Cezarini Ávila